

“PERCEBER O QUE ENQUADRA O NOSSO OLHAR”: PROCURANDO HISTÓRIAS SOBRE LUTADORAS NEGRAS NOS PRIMÓRDIOS DO BOXE^{1, 2}

Cathy Van Ingen³

Resumo: Baseado numa abordagem desconstrucionista, este artigo identifica elementos ideológicos no trabalho histórico sobre o boxe feminino, incluindo o meu próprio. Primeiro, analiso as fontes, práticas e evidências que têm constituído fatos históricos sobre o boxe feminino. Em seguida, empregando algumas das táticas de historiadora desconstrucionista, analiso e critico o apagamento de lutadoras mulheres negras da história do boxe através de uma análise de várias fontes escritas sobre pugilismo. Para retificar este duradouro silêncio e exclusão, apresento um breve relato de algumas boxeadoras negras entre o fim do século XIX e meados do século XX. Este artigo utiliza jornais *mainstream* e afro-americanos, periódicos sobre do boxe nos EUA, e uma amostra das literaturas acadêmica e popular sobre a história do boxe.

Palavras-chave: afro-americana; mulheres; boxe; história desconstrucionista.

“Seeing What Frames Our Seeing”: Seeking Histories on Early Black Female Boxers

Abstract: Grounded in a deconstructionist approach, this article identifies ideological elements in historical work on women’s boxing, including my own. First, I examine the sources, practices, and evidence that have constituted historical facts on women’s boxing. Then, employing some of the tactics of a deconstructive historian, I examine and critique the erasure of black female combatants from boxing history through an examination of various written sources about pugilism. To rectify this longstanding silence and exclusion, I provide a brief account of some black female boxers from the late nineteenth to mid twentieth centuries. This paper draws from mainstream and African-American newspapers, U.S. boxing periodicals, and a sample of scholarly and popular literature on the history of boxing.

Keywords: African American; women; boxing; deconstructionist history.

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, vol. 40, n. 1, primavera de 2013, p. 93-110. Traduzido com autorização da autora e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte (Nota do Editor).

² Este artigo se baseia em um trabalho apresentado no 39º. Encontro Anual da Sociedade Norte-Americana para a História do Esporte (NASSH) realizado na University of Texas em Austin, em maio de 2011. A autora é grata a Joan Watson-Jones por compartilhar informações sobre sua mãe, Aurelia Wheeldin, e aos pareceristas pelos comentários atenciosos e sugestões.

³ PhD, Department of Kinesiology, Brock University, St. Catharines, Canadá, contato: cathy.vaningen@brocku.ca.

“O passado é o que de fato aconteceu em algum período do passado; história são as estórias que contamos sobre o passado.”

Murray G. Phillips (2006b)

Historiador, pesquisador de estudos afro-americanos e entusiasta do boxe, Jeffery Sammons documentou o papel do boxe na sociedade americana, declarando que talvez “nenhum esporte tenha sido tão confinado ao âmbito masculino quanto o boxe”. Em *Beyond the Ring*, Sammons (1988) destaca uma luta entre duas mulheres anônimas nos anos 1880, observando que o combate foi “uma anomalia e deve ter sido a resposta da época às lutas na lama voyeurísticas contemporâneas” (p. 54). Bob Mee (2001), que traçou a história das lutas por dinheiro a punho livre (sem luvas), alega que, antes dos anos 1990, o boxe feminino “havia permanecido dormente durante a maior parte do século” (p. 6). Em ambos os exemplos, a alegação de que o boxe feminino não era historicamente significativo é enfática e epistemologicamente segura de si. Por conseguinte, este artigo busca superar tais fechamentos narrativos sobre o passado, em favor de uma história que reconheça a natureza ideológica e as descontinuidades na cobertura histórica do boxe feminino e trabalhe para colocar as mulheres negras boxeadoras em pauta.

Primeiro, deixe-me começar com uma confissão: eu sempre acreditei que as mulheres, embora em menor número, ergueram seus punhos neste esporte fascinante, brutal, sangrento e perigoso. Contudo, havia pouca base de evidências para esta intuição. Outra confissão: não sou historiadora. Como uma adepta dos estudos culturais físicos,⁴ tenho pesquisado o boxe feminino como um meio de questionar mitologias culturais em torno das mulheres, da violência e da agressão. Parte deste trabalho envolveu pesquisar as histórias e experiências de mulheres boxeadoras desde uma posição fora da História, um lugar desde o qual eu pudesse questionar *a quem* correspondem as “verdades” históricas que são contadas e, também, enfatizar o papel impositivo do historiador. Como tal, este artigo é oferecido a partir de um engajamento particular com a história desconstrucionista, que presta bastante atenção à compreensão de que a história sempre diz respeito ao poder e nunca é inocente, mas sempre ideológica (MUNSLOW, 2006, p. 165). Em outras palavras, questiono as compreensões históricas do boxe feminino, reconhecendo as formas pelas quais considerações ideológicas adentram as tentativas dos historiadores de conduzir a investigação histórica e produzir alegações de verdade. Em particular, o foco permanece nas “representações do

⁴ Andrews (2008) explica que os estudos culturais físicos se “dedicam à compreensão contextualmente embasada das práticas, discursos e subjetividades corporais, por meio das quais corpos ativos se tornam organizados, representados e adquirem experiência em relação às operações de poder social” (p. 54).

caráter de passado”⁵ de boxeadoras mulheres negras.

O artigo consiste de duas partes principais. A primeira examina fontes e evidências históricas de forma a refletir explicitamente sobre as práticas que têm governado a produção de conhecimento sobre o boxe feminino. Ao fazê-lo, dedico maior atenção às interpretações impostas sobre o passado pelos pesquisadores do boxe. Na segunda parte, realço uma série de histórias descontínuas de várias pugilistas afro-americanas que, já nos anos 1860, ergueram punhos nus e com luvas frente às outras, e, mesmo assim, não têm sido incluídas em narrativas históricas sobre o boxe. Como tal, este trabalho realça a ausência histórica das mulheres, em especial das pugilistas negras, examinando o papel que os historiadores desempenharam ao enquadrar e narrar a história do boxe. Como Keith Jenkins (1995) argumenta, existe um componente ideológico irreduzível em todo relato histórico do passado (p. 171). Neste sentido, argumento que existem muitos enredos a serem contados sobre o boxe feminino, que cada ato de contar é inevitavelmente um ato ideológico e que não existe algo como capturar de forma “correta” o passado tal como ele *de fato* ocorreu. Em vez disso, sugiro que precisamos de histórias do boxe que nos eduquem a respeito das discontinuidades em vez das formas “convincentemente objetivas” pelas quais histórias convencionais do boxe tendem a ser escritas. Para tanto, reconheço meu próprio papel em representar o passado quando tento construir histórias do boxe sobre boxeadoras mulheres racializadas que foram ignoradas ou negligenciadas, enquanto reconheço inteiramente a centralidade de minha própria visão de mundo para o que produzo.

O passado do boxe: “Perceber o que enquadra o nosso olhar”

A História, como o historiador desconstrucionista Alan Munslow discute, é uma construção, e uma compreensão mais completa do passado somente pode emergir quando se considera o papel do historiador na representação do passado. Similarmente, Murray Phillips (2001) questionou práticas aceitas na história do esporte ao afirmar que “os historiadores não podem ser espremidos para fora da história, nem pode a textualidade ser espremida para fora da história” (p. 334). Phillips também assevera que os historiadores têm o potencial de oferecer novas versões do passado à medida que ganhamos acesso a novos documentos, ideias e conceitos. Infelizmente, fontes sobre os primórdios do boxe feminino permanecem elusivas, uma limitação significativa quando o empreendimento histórico envolve traduzir evidência em “fato”, que então funciona como verdade histórica. Todavia, a história desconstrucionista problematiza os princípios básicos do conhecimento histórico, argumentando que não existe acesso imediato para o passado tal como de fato aconteceu. Existem apenas versões ou narrativas localizadas e parciais que os historiadores

⁵ Munslow (2006) explica que a historiadora Elizabeth Tonkin, em busca das múltiplas vozes do passado, usou a expressão “representações do caráter de passado (*pastness*)”, em vez de “história”. Faço uso do termo pelas mesmas razões.

criam com base em evidências que são usadas para sancionar um modo de explicar em vez de outro.⁶ Em outras palavras, todas as histórias são interpretações enquadradas por significados impostos por um autor. Como tais, os historiadores desconstrucionistas nos urgem a prestar bastante atenção à maneira pela qual a história é interpretada e relatada como um produto literário.

Um princípio central da análise histórica pós-moderna é a visão de que a história é “uma disciplina com efeito de verdade, e não que chega à verdade” (MUNSLOW, 2006, p. 12). Os historiadores do esporte desconstrucionistas compulsivamente colocam em primeiro plano esta distinção, argumentando que a escrita da história não revela “a verdade” sobre o passado; em vez disso, ela impõe significado sobre o passado.⁷ Mesmo as melhores fontes históricas primárias não fornecem acesso imediato à verdade histórica. A evidência histórica já é enquadrada por estruturas narrativas particulares e sobrecarregada com significados culturais. A história desconstrucionista vai além da busca de fatos objetivos, preferindo fazer perguntas sobre as origens dos fatos e de sua operação. Como Patti Lather (1993) coloca, “não é uma questão de olhar com mais atenção ou mais de perto, mas de perceber o que enquadra o nosso olhar – espaços de visibilidade construída e incitamentos a ver o que constitui poder/conhecimento” (p. 675). Sob a influência do pós-modernismo, os historiadores são urgidos a prestar atenção para perceber o que enquadra nosso olhar.

Este artigo começa examinando as práticas que têm governado a produção de conhecimento sobre o boxe feminino, realçando os silêncios, fissuras e lacunas nas representações históricas de pugilistas mulheres. Para começar, faço uma breve revisão das maneiras pelas quais boxeadoras têm sido objeto de crônica como sujeitos da história. Três tipos de escritos sobre boxe, destacados no trabalho de Dan Streible (2008), auxiliam esta investigação: 1) boxiana anedótica; 2) reflexões críticas sobre boxe feitas por ensaístas posteriores; e 3) o trabalho de historiadores do esporte (p. 9-10). Além de realçar um impressionante leque de escritos sobre boxe, produzidos e consumidos igualmente por aficionados da modalidade, pugilistas literatos e acadêmicos, esses variados tipos de escrita são úteis para delinear a ampla ausência de mulheres no cenário contado do boxe. Isto consiste também na primeira etapa da abordagem dos efeitos ideológicos desta história sobre a compreensão do boxe feminino na sociedade contemporânea.⁸ Para tanto, cada uma das três categorias é tomada

⁶ Hayden White explica em Hutcheon (1988) que “a questão que hoje se apresenta ao historiador não é ‘O que são os fatos?’, mas ‘Como devem os fatos ser descritos de forma a sancionar um modo de explicá-los, em vez de outro’” (p. 99).

⁷ Há um pequeno mas crescente número de historiadores do esporte cujo trabalho se engaja numa abordagem histórica desconstrucionista. Ver, em particular, Booth (2004, 2006, 2009) e Phillips (2006a).

⁸ O boxe feminino trabalha há muito tempo por legitimidade e aceitação. Por exemplo, o boxe amador feminino está legalizado no Canadá apenas desde 1991 e, nos EUA, desde 1993. Os Jogos Olímpicos de 2012 marcam a estreia do boxe feminino (a despeito de uma breve aparição como um esporte de demonstração nos jogos de 1904). Contudo, as mulheres estiveram representadas em apenas três categorias de

aqui para examinar as maneiras pelas quais os discursos históricos articulam e organizam nossas compreensões e experiências do boxe feminino. Não dedico o mesmo espaço a cada seção, pois foco a atenção nas abundantes e ricas fontes no primeiro modo de representação, boxiana.

Boxiana

O primeiro tipo de escrito histórico é a “*boxiana*”, um termo que vem do livro de 1812 de Pierce Egan sobre pugilismo.⁹ O foco principal do trabalho de Egan eram relatos golpe-a-golpe de batalhas no ringue, comentários, esboços biográficos e grandes momentos nas carreiras de lutadores específicos (GEMS, 1998, p. 565). Boxiana é um termo que captura a vasta maioria da história do boxe existente sob a forma de “histórias anedóticas, literatura de fãs, efemeridades, livros de registros, ilustrações, biografias populares e periódicos esportivos” (STREIBLE, 2008, p. 10).

Um componente significativo da história da boxiana é composto pelos tabloides de imprensa, incluindo periódicos esportivos como a *National Police Gazette* e a revista *The Ring*. Ambos tornaram-se jornais de boxe autorizados em sua época, e seus respectivos editores, Richard Kyle Fox e Nathaniel Fleisher, foram autores de numerosos livros sobre boxe, os quais deram a cada um deles um lugar no International Boxing Hall of Fame (IBHOF). Enquanto a *Police Gazette* foi uma parte essencial do desenvolvimento de boxeadoras profissionais nos anos 1880 e 1890, *The Ring* não apresentou qualquer relato substantivo sobre pugilistas mulheres.¹⁰

Fundada em 1845, a *Police Gazette*, como era mais comumente conhecida, foi um semanário ilustrado apresentando “vedetes voluptuosas, escândalos, enforcamentos, uso de tinta vermelha e notícias apimentadas” (BETTS, 1974, p. 61). Fox assumiu a revista sensacionalista em 1877 e acrescentou-lhe uma seção de esportes. A primeira vez que a *Gazette* noticiou o boxe foi em 1880, cobrindo uma luta de 85 assaltos pelo título dos pesos-pesados entre Paddy Ryan e Joe Gloss. As vendas da edição cresceram dramaticamente, e Fox respondeu dando maior proeminência ao mundo dos esportes, presente no novo subtítulo da revista: *O principal periódico esportivo ilustrado na América [The Leading Illustrated Sporting Journal in America]* (BETTS, 1974, p. 61). Contudo, Fox não apenas noticiava o esporte; ele tornou-se um promotor do boxe e de outras modalidades como forma de propiciar aos leitores uma oferta regular de eventos e uma cobertura constante deles. Apelidado “o P.T. Barnum do mundo do esporte”, Fox foi um empreendedor que muito fez para promover o interesse pelo

peso, com um total de 36 boxeadoras, comparadas às dez categorias e 250 boxeadores no masculino.

⁹ Com o subtítulo “Esboços de pugilismo antigo e moderno”, Egan defendia apaixonadamente o boxe em uma época em que este estava banido na Inglaterra.

¹⁰ Para mais sobre a cobertura do *Police Gazette* sobre mulheres em esportes baseados em força como o levantamento de peso e o boxe, ver Todd (1990).

boxe, apesar da opinião prevalecente e das restrições legais da época (SAMMONS, 1988, p. 7).¹¹

A *Gazette* se destaca como uma forma significativa e rara de boxiana; ela cobria regularmente as profissionais mulheres que desafiavam os ideais de feminilidade vitoriana em fins do século XIX. A *Gazette* noticiava as mulheres que faziam exposições em teatros de variedades e tavernas, assim como competições com luvas usando as regras do Marquês de Queensbury ou da própria *Gazette* em clubes esportivos como o Harry Hill's na cidade de Nova York. O Harry Hill's, um destino popular entre pugilistas, anunciava e realizava regularmente lutas de boxe feminino já em 1881.¹² Mulheres de vários lugares do país colocavam anúncios na *Gazette* desafiando oponentes para uma luta. A coluna de “Notícias Pugilísticas” da *Gazette* refletia a astúcia promocional de Fox e se tornou um espaço para arranjar combates, assegurar bolsas para lutas, promover disputas, publicar a notícia de um acordo entre lutadores [para realizar uma luta] e oferecer cinturões de campeão a pugilistas notáveis. Num tempo em que as opções para as boxeadoras eram limitadas, a *National Police Gazette* forneceu alguma legitimidade e uma exposição de que muito necessitavam. É importante notar, contudo, que a revista somente noticiava a respeito de boxeadoras brancas e que o tom dos artigos oscilava entre a celebração e a ridicularização.

Boxeadoras em atividade durante os anos 1880 e 1990, como Hattie Stewart, Annie Lewis, Hattie Leslie e Alice Jennings eram tanto celebradas quanto desdenhadas na *Police Gazette* e em outros veículos de comunicação de sua época. Hattie Stewart permaneceu no jogo da luta por quase duas décadas, ganhando o apelido de “a John L. Sullivan mulher” enquanto se apresentava em teatros de variedades pelos Estados Unidos com seu marido. A *Gazette* relatava que, em suas exposições, considerava-se que ela “mostrava talento” e demonstrava “considerável ciência e rapidez, e muita força. Ela parece ter desenvolvido suas habilidades no boxe tão bem quanto possível para uma mulher”. Ela também “derrotou todas as artistas que jamais se atreveram a encará-la no tradicional ringue de 24 pés”.¹³ Como registrado numa extensa entrevista publicada no *Omaha Daily Bee* em 28 de dezembro de 1887, ela declarava sua disposição de lutar “contra qualquer mulher na América, Europa ou Austrália, até o final, por US\$ 1.000 para cada lado, com luvas duras ou macias, em qualquer lugar ou momento”.¹⁴

As mulheres que participavam ou mesmo assistiam competições de pugilato ao final do século XIX eram frequentemente representadas como abandonadas, corrompidas e imorais. Contudo, o boxe era às

¹¹ Ver Sammons (1988) para detalhes mais específicos sobre as maneiras pelas quais o boxe a dinheiro sofreu fogo cerrado dos críticos nos anos 1890 e início dos 1900.

¹² Amusements. *National Police Gazette*, 26 March 1881.

¹³ Female Boxers: Professional ‘Sluggers’ among the Fair Sex of America. *National Police Gazette*, 14 March 1885.

¹⁴ She Loves To Fight: A Chat with Mrs. Hattie Stewart. *Omaha Daily Bee*, 28 December 1887, p. 2.

vezes tolerado quando praticado como uma forma de exercício por “senhoras refinadas”.¹⁵ Um corpo feminino treinado para a competição pugilística, no entanto, era rotineiramente enquadrado pela lente do escárnio, como retratado abaixo:

A [...] luta entre estas pugilistas do “sexo frágil” é anunciada para durar oito assaltos. [...] Os assaltos de tais lutas duram três minutos e os intervalos, um minuto, sem luta. [...] As habilidades das duas mulheres de machucarem uma à outra numa luta como a acima são muito limitadas. A inabilidade da mulher de atirar uma pedra numa galinha, motivo constante de gozação, é tão natural e imutável como as tendências dela para fofocar. Existe uma diferença entre os sexos na habilidade de encaixar um soco [partindo] direto do ombro, a qual até hoje mulher alguma conseguiu superar. Uma mulher “estapeia”, ela não “soca”, e ela não consegue fazer diferente, não importando que ensinamentos ela receba ou o quanto se esforce.¹⁶

Em 1922, Nat Fleisher lançou a revista *The Ring*, a autoproclamada “Bíblia do Boxe”. Fleisher é considerado por muitos historiadores do boxe como sendo o principal cronista da história do boxe, a despeito das controvérsias em torno de parte de seus escritos sobre os primeiros praticantes negros do esporte.¹⁷ Fleisher não noticiou lutas de mulheres, nem apresentou-as em suas publicações. É válido notar que nos 88 anos de história da revista *The Ring*, apenas uma boxeadora foi destacada na capa. Em 1978, Cathy “Gata” Davis, Jackie Tonawanda e “Senhora Tigresa” Trimiari processaram, cada uma, o estado de Nova York para obter a licença de boxeadora profissional. Davis, a única boxeadora branca das três, foi capa da edição de agosto.¹⁸ Ela foi retratada sob uma grande faixa que perguntava, em letras amarelas em negrito: “O boxe feminino chegou para ficar?” A reportagem assegura aos leitores que, embora Davis treine seis dias por semana, ela também “leva uma vida normal de mulher. Ela tem muitos hobbies; adora ópera, música clássica e animais”.¹⁹

Publicações que destacavam o boxe, como a *Police Gazette* e *The*

¹⁵ Ver, por exemplo, Women in the ‘Ring’: Prize-Fight between Two Women. *Chicago Tribune*, 13 March 1869, p. 2; Fashionable Pugilism. *National Police Gazette*, 24 April 1886; London Fights Attract Women *New York Times*, 4 March 1911, p. 12.

¹⁶ Female Boxers: Professional ‘Sluggers’ among the Fair Sex of America. *National Police Gazette*, 14 March 1885.

¹⁷ O trabalho de Fleisher, particularmente na série de cinco volumes *The Black Dynamite: The Story of the Negro in the Prize Ring*, às vezes é associada a invenções e distorções. Ver o historiador do boxe Kevin Smith (2003, p. 3). Smith detalha o plágio descarado nos escritos de Fleisher, identificando texto extraído diretamente de *The Lives and Battles of Famous Black Pugilists*, de Richard Fox, publicado em 1897. Não obstante, a série de Fleisher é amplamente considerada o trabalho fundador na história da experiência afro-americana no ringue.

¹⁸ Sal Algieri, ‘Cat’ Davis, Woman Boxer, Could Be a Start of a New Breed. *The Ring*, August 1978, pp. 6-7, 42.

¹⁹ *Ibid.*, p. 7.

Ring, fazem muito para promover os interesses do boxe, frequentemente às custas da exclusão das mulheres pugilistas. Portanto, é importante analisar a maneira como a boxiana, como qualquer forma de literatura de boxe, molda a produção e legitimação do conhecimento. É problemático quando se considera que as fontes históricas (ou a falta delas) “falam” por si mesmas como representações acuradas da realidade (MUNSLOW, 2006, p. 14). Em vez disso, como o filósofo da história Hayden White argumenta, “nós impomos estórias sobre o passado por uma variedade de razões, as quais são explicativas, ideológicas e políticas” (*apud* MUNSLOW, 2006, p. 149). De fato, através da história de *The Ring*, o boxe feminino tem sido colocado fora dos parâmetros do boxe de verdade. É notável que, na longa história da revista, tenham havido apenas cinco proprietários e seis editores-chefes. Mesmo assim, cada um deles prosseguiu negligenciando e ignorando as pugilistas que, embora em menor número, continuaram a subir pelas cordas para boxear.²⁰

Editor extravagante e um dos mais celebrados historiadores do boxe na América do Norte, Bert Sugar assumiu *The Ring* entre 1979 e 1983, trazendo consigo seu desdém pelo boxe feminino. Ele mantinha tal ponto de vista quando, uma década após deixar a revista, escreveu um capítulo intitulado “Prefiro arrancar meu olho fora com um espeto pontudo do que ver boxe feminino”, declarando que “enquanto os infelizes sujos de tinta da imprensa [...] estão usando seus tocos de lápis para cobrir o boxe feminino, eu, e falo por mim mesmo, tenho grande dificuldade de aceitá-lo como um esporte” (SUGAR, 2003, p. 11). Sugar é amplamente considerado um dos cronistas mais importantes do esporte e um dos maiores historiadores do boxe; escreveu mais de oitenta livros, muitos sobre boxe. O International Boxing Hall of Fame indicou-o em 2005 por sua excelência como historiador do boxe e jornalista. Sugar foi indicado na categoria Observador, lugar para jornalistas, editores, escritores, historiadores, fotógrafos e artistas. Sua empenhada e constante exclusão dos legados, memórias, feitos e importância das pugilistas mulheres fornece um ponto focal útil para ponderar que os indivíduos que fazem a crônica e celebram o esporte não produzem documentos de forma neutra, mas autorizam relatos particulares.

Os historiadores desconstrucionistas enfatizam a imposição de formas narrativas sobre o passado que refletem pressuposições ideológicas e epistemológicas particulares. Por exemplo, Sugar não é um registrador desapaixonado da história do boxe, mesmo assim, presta-se pouquíssima atenção às suas posturas e maneiras de escrever e, em particular, às formas pelas quais seu trabalho tem produzido e usado determinadas “verdades” e exclusões. Suas lógicas de seleção, classificação, acesso e interpretação têm contribuído para o apagamento das mulheres e para a noção de que o boxe é algo “naturalmente” masculino. Certos escribas do boxe, e, de forma mais ampla, o IBHOF, desempenham um papel estratégico na rememoração e

²⁰ A primeira coluna regular sobre o boxe feminino apareceu em *The Ring* em maio de 2011.

interpretação públicas do esporte. Como Bruce Kidd resumiu, a escassez de mulheres nos halls da fama esportivos não é algo inocente, mas trabalha para manter a ordem de gênero que privilegia os homens na cultura do boxe, enquanto “aniquila simbolicamente as mulheres”.²¹ O IBHOF consiste de cinco categorias de membros: Moderno, Veterano, Pioneiro, Não-Participante e Observador. Após as cerimônias de 2011, um total de 389 indicados haviam sido selecionados para o Hall: 388 homens e uma mulher. Aileen Eaton, promotora de boxe por cinco décadas, foi indicada em 2002 e permanece o único membro feminino.²² O IBHOF representa e celebra uma perspectiva de história do boxe que efetivamente impõe estórias sobre o passado enquanto negligencia as relações históricas complexas que tiveram profundo impacto sobre o apagamento das pugilistas no passado e no presente.

A história desconstrucionista nos compele a perguntar: os fatos, experiências e perspectivas *de quem* são registrados como história; e como estas estórias preservam e cultivam versões escritas particulares do passado. Como Patricia Vertinsky (2006) afirma, “o corpo masculino é continuamente representado, examinado, idolatrado, frequentemente às custas da exclusão do corpo-feminino-ativo” (p. 231). As histórias da boxiana constituem a vasta maioria dos textos sobre boxe e carregam valores e crenças culturais profundamente enraizados. Seguindo Vertinsky e outros que refletiram criticamente sobre as práticas envolvidas na escrita de histórias, maior atenção precisa ser dada ao boxe feminino. Para que tais histórias venham à tona, precisamos encarar a dificuldade inevitável da concretude dos fatos, assim como refletir sobre as fundações ideológicas do conhecimento. Ao mesmo tempo que reconhecemos o caráter provisório e de incerteza da história, precisamos lançar questões sobre nossos modos de conhecer o passado, de maneira a refletir melhor sobre as experiências diversas das mulheres que adentraram o ringue.

Reflexões críticas sobre o boxe feitas por ensaístas posteriores

O segundo tipo de escritos sobre o boxe são ensaios, artigos e livros de escritores como Gerald Early, Joyce Carol Oates, AJ Liebling, Norman Mailer e George Plimpton (STREIBLE, 2008, p. 10). A grande maioria dos escritores e pugilistas literatos produzem escritos engajados sobre o esporte e os participantes que os fascinam. Estas reflexões críticas reduzem a distância entre os discursos populares e os acadêmicos por meio da exploração das dimensões raciais, de gênero, de classe e de nacionalidade do esporte. Nos melhores casos, estes escritos capturam a carnalidade e o ethos do esporte, seu notável elenco de personagens, e o cenário social amplo que molda o esporte. A

²¹ Bruce Kidd. Missing: Women from Sports Hall of Fame. *CAAWS Action Bulliten*, winter 2005. Disponível em: <http://www.caaws.ca/e/milestones/women_history/missing.cfm>. Acesso em 7 Dez. 2011.

²² Ver: <<http://www.ibhof.com/pages/about/inductees/inducteeindex.html>>. Acesso em 11 Jan. 2012.

mediação de Mailer em *The Fight* (1975), sobre o épico combate entre Ali e Foreman no que então era o Zaire, e o jornalismo participativo de Plimpton (1977) em *Shadow Box* são exemplos celebrados desta abordagem.

Existem numerosos exemplos de escritores entrando em irmandades masculinas de boxe e dedicando escassa atenção às boxeadoras. Aqui, apresento um exemplo que destaca quem são aqueles cujas histórias são contadas; e aqueles cujas histórias permanecem não escritas. Em *Shadow Box*, Plimpton adentra o mundo do boxe masculino profissional e se prepara para um confronto com o campeão dos meio-pesados Archie Moore. Pelo caminho, ele explora o mundo do boxe profissional masculino, compartilhando *insights* e observações a respeito de lutadores como Floyd Patterson, Muhammad Ali e Rocky Marciano. Como um “*insider*” no lendário ginásio Fifth Street de Dundee, em Miami, ele observa um velho e apagado poster de Barbara Buttrick declarando que ela “vem de Lancaster, Inglaterra, e é a campeã feminina de boxe no que deve ser um campo limitado” (PLIMPTON, 1977, p. 72). Embora a observação de Plimpton esteja correta, não há engajamento crítico ou reconhecimento de que o boxe feminino enfrentava restrições legais e de gênero que limitavam suas participantes e espectadores(as). Como resume Linda Hutcheon (1988), narrativas literárias podem silenciar, excluir e repelir certos eventos e pessoas do passado.

Narrativas literárias saturadas pelo poder, como a de Plimpton, padronizam nosso senso do boxe como uma empreitada exclusivamente masculina. O que permanece negligenciado em seus escritos é qualquer menção significativa às lendárias contribuições de Buttrick ao boxe feminino. Como Keith Jenkins (2003) argumenta,

fariamos bem em reconhecer e relembrar que as histórias que designamos às coisas e pessoas são literaturas compostas, criadas, constituídas, construídas e sempre localizadas. E, mais importante, elas carregam dentro de si a filosofia ou “pegada” de mundo do autor (p. 12).

Isto não é introduzir a política onde ela inexistente; em vez disso, esta compreensão diz respeito a tornar explícito como o poder permeia a construção e legitimação do conhecimento na escrita de Plimpton (ou de qualquer outro). No início dos anos 1950, Buttrick fez mais de mil exposições de boxe, muitas contra oponentes masculinos, em feiras na Inglaterra, França e Estados Unidos. Em 1954, Buttrick começou a participar de lutas competitivas, treinando por um período em Miami no mesmo ginásio Fifth Street onde Plimpton e outras lendas masculinas treinavam. Buttrick tornou-se uma boxeadora muito conhecida e, em 1954, foi a primeira pugilista a ter uma luta transmitida nacionalmente pela televisão.²³ Vinte anos antes da breve entrada de Plimpton no boxe,

²³ Ver Tom Archdeacon. Barbara Buttrick Has Renewed Love Affair With Boxing. *Miami News*, 7 June 1980, sec. B, p. 1; Sharon Robb. Boxer Buttrick in Women’s Corner. *Fort Lauderdale Sun Sentinel*, 19 September 1997. Disponível em:

Buttrick se aposentou com mais de 30 lutas profissionais, algo que Plimpton, um pioneiro na crônica do esporte moderno, ignorou em seus relatos de *insider* do esporte profissional.

As abordagens desconstrucionistas aspiram menos a “contar a verdade” (na medida em que não há realidade histórica conhecível completa) do que a questionar *de quem* são as verdades que vêm a ser contadas. Não quero sugerir que os historiadores desconstrucionistas não valorizam *insights* históricos, mas que eles reconhecem os procedimentos envolvidos na criação do conhecimento histórico quando lidam com as evidências, como um pôster de boxe desbotado pendurado na parede de um ginásio. Claramente Plimpton não alegava fazer um trabalho histórico com seu jornalismo participativo. Contudo, o papel impositivo do escritor e do historiador é o mesmo. Um historiador desconstrucionista vê a história como primariamente uma construção narrativa, um ato de criação da parte do historiador. Mesmo com escrutínio cuidadoso, sem acesso direto à realidade do passado, o processo de traduzir evidência para fato somente pode ser compreendido como uma interpretação narrativa. Reitero que o objetivo aqui não é tentar recuperar as intenções de Plimpton, mas reconhecer o papel do autor na representação do passado. Além do mais, dada a capacidade de uma narrativa tanto de espelhar quanto de romper com arranjos de poder reconhecidos, reflexões críticas sobre o boxe realçam a necessidade de abordar de forma mais completa as falhas, assim como o potencial, deste modo de representação como um meio de explanação.

História do esporte

A sub-disciplina da história do esporte gera o terceiro tipo de literatura histórica do boxe. Em particular, historiadores americanos como Elliot Gorn (1985, 1986), Steven Riess (1985) e David Wiggins (1985) examinaram, respectivamente, a subcultura inteiramente masculina das lutas a dinheiro, a ascensão do boxe profissional, e a demarcação de cor do boxe. Os historiadores do esporte Allen Guttmann (1991) e Susan Cahn (1994) abordam o boxe feminino como parte de seu trabalho mais amplo sobre a história do esporte feminino. Embora o boxe tenha sido um objeto atrativo para os cronistas esportivos, romancistas e diretores de filmes, os historiadores profissionais têm sido bem mais ambivalentes a respeito de estudar com rigor o esporte (WELSHMAN, 1997).

Uma pesquisa em periódicos de história do esporte abrangendo *Sport History Review*, *Journal of Sport History*, *International History of the History of Sport* e *Sporting Traditions* ilustra o escasso engajamento dos pesquisadores com o esporte do pugilato. Como a tabela abaixo

<http://articles.sun-sentinel.com/1997-09-19/sports/9709180589_1_barbarabuttrick-women-s-boxing-international-boxing-federation>; Barbara Buttrick Collection. *National Fairground Archive*. Disponível em: <<http://www.nfa.dept.shef.ac.uk/holdings/collections/buttrick.html>>. Acessos em: 21 mar. 2013.

indica, o boxe é um campo negligenciado de estudo acadêmico, a despeito da frequência de cobertura jornalística e de imprensa popular que recebe. Ademais, apenas um dos trinta artigos sobre boxe apresentados nestes periódicos de história do esporte entre os anos 1974 e 2010 foca no boxe feminino. Especificamente, o artigo analisa as experiências de onze boxeadoras na Índia no fim dos anos 1990 (MITRA, 2009).²⁴ Continua existindo um espaço significativo para que os historiadores desconstrucionistas possam abordar lacunas e silêncios e desafiar a noção estabelecida que, segundo Joyce Carol Oates (2006), alega que o “boxe é para homens, e é sobre homens, e é os homens” (p. 72). Os historiadores podem abordar esta assertiva em termos práticos e estão em posição única para examinar as maneiras pelas quais os escritos históricos sobre o boxe são constituídos dentro de um enquadramento para se exercer poder, legitimação e deslegitimação. Em particular, os historiadores desconstrucionistas têm acesso a evidências que oferecem “sinais de localização, realidades possíveis e interpretações possíveis a partir dos quais situar versões do passado que levam gênero e raça a sério e que argumentam para além de uma única história, favorecendo histórias múltiplas de exclusão e transgressão (MUNSLOW, 2006, p. 28, 131).

Em 2011, o periódico *Sport in History* apresentou uma edição especial sobre boxe. O número foi uma tentativa de “destacar e refletir sobre um notável crescimento, em anos recentes, na pesquisa acadêmica sobre a cultura e a história do boxe” (JOHNES e TAYLOR, 2011). Contudo, apenas um dos oito artigos apresentados na edição *Boxe, História, Cultura*, isto é, o de Kath Woodward (2011), “The Culture of Boxing: Sensation and Affect”, comentou a invisibilidade das mulheres “nas histórias e lendas que são os sistemas de entrega da cultura do boxe” (p. 500).²⁵ Abordagens históricas desconstrucionistas também reconhecem as limitações de histórias que não buscam incluir vozes múltiplas, reflexões contextuais ou caminham na direção de novos modos de compreensão que rompem com histórias que valorizam um privilégio de status.

²⁴ Também deve ser notado que um segundo artigo sobre boxe feminino foi publicado, mas após 2010: Ross (2011).

²⁵ Deve-se também reconhecer que Woodward focou boxeadoras contemporâneas como Ann Wolfe e Laila Ali e a participação delas na masculinidade hegemônica e corporal do boxe.

Tabela 1: Artigos, comentários e ensaios sobre boxe em periódicos de história do esporte

| Periódico | Artigos publicados sobre boxe | Total de artigos publicados |
|---|-------------------------------|-----------------------------|
| <i>Sport History Review</i> (1974-2010) | 2 | 367 |
| <i>Journal of Sport History</i> (1974-2010) | 15 | 450 |
| <i>International Journal of the History of the Sport</i> (1984-2010) | 12 ²⁶ | 1201 |
| <i>Sporting Traditions</i> (1984-2007) | 1 | 238 |

Uma pluralidade de significados: histórias parciais de pugilistas negras

Durante décadas, as lutas e conquistas das lutadoras negras foram esquecidas, banalizadas ou ignoradas (AYCOCK e SCOTT, 2011). A despeito do crescente conjunto de trabalhos sobre os pioneiros do boxe masculino, os pesquisadores continuam a dedicar atenção insuficiente às pugilistas negras, assim como à natureza de gênero do racismo em períodos históricos e em contextos sociais específicos (POPE, 2006; VERTINSKY e CAPTAIN, 1998). Não há virtualmente qualquer registro de mulheres negras no ringue até 1978, quando Jackie Tonawanda e Marian “Senhora Tigresa” Trimiari receberam suas licenças para boxear em Nova York. Como Patti Lather (1993) argumenta, “fatos não são dados, mas construídos pelas perguntas que fazemos aos acontecimentos” (p. 105). Portanto, nesta seção busco construir novos fatos ao lançar novas questões que são informadas por uma compreensão de racialização e de gênero e que rompem com a branquitude como lente dominante no interior dos discursos históricos sobre o boxe.

Não existe um registro histórico único e completo, não importando a nostalgia por tal entidade (HUTCHEON, 1988, p. 16). Em vez de me aproximar *da verdade* do que de fato aconteceu, ofereço uma compreensão histórica parcial focada em algumas das primeiras boxeadoras. Reconheço que esta é uma história de incertezas; uma história que não se agarra à noção impossível de verdade histórica, mas, em vez disso, reconhece que há, como argumenta Douglas Brown (1995), “um lugar para muitas narrativas menores, uma pluralidade de sentido, uma pluralidade de realidades” (p. 39). Espero que este trabalho produza uma conscientização a respeito da complexidade, contingência e fragilidade das narrativas históricas sobre o boxe e exponha os sistemas de poder que autorizaram algumas representações do caráter de passado, enquanto bloquearam outras.

²⁶ Um artigo do periódico enfocou explicitamente o boxe feminino.

Como Deila Douglas resumiu, os estudos do esporte acadêmicos não levaram adequadamente em consideração interseções de raça e gênero. As mulheres negras, explica Douglas (2002), encontravam-se numa posição que “resiste ao contar” na medida em que os pesquisadores do esporte frequentemente enfocam discursos de raça e gênero que enquadram a identidade como uma “proposição e/ou”; negro (masculino) ou mulher (branca). O fracasso de considerar as formas pelas quais o boxe feminino é tanto uma prática de gênero quanto racializada contribuiu para o apagamento das mulheres negras do cenário contado do boxe.²⁷

Retornando à história da boxiana, pesquisei jornais e periódicos esportivos afro-americanos e do *mainstream* em busca de quaisquer casos de mulheres negras competindo como boxeadoras.²⁸ Fontes escritas sobre pugilistas negras foram escassas, mas alguns traços chegaram à superfície. Também realizei uma entrevista de história oral com a filha de uma boxeadora negra da década de 1920, de forma a expandir as fronteiras e as áreas até então ignoradas da experiência histórica. A literatura da boxiana continha apenas umas poucas menções isoladas de boxeadoras negras – fatos disparatados aos quais dei alguma unidade de significado levando em consideração as datas, eventos e indivíduos representados nas breves crônicas. Chamo a atenção para as condições ideológicas sob as quais isto (como todo trabalho histórico) foi feito de forma a ser, como explica Jenkins (2003), situacionalmente transcendente ou crítica do status quo (p. 148). O resultado é uma interpretação histórica breve e fragmentada que irá realçar as discontinuidades (os arranjos de poder não reconhecidos ou ignorados) que enquadram nossa compreensão do boxe. Esta é a diferença-chave entre uma abordagem desconstrucionista e aquelas versões históricas dominantes tão “objetivamente” adequadas.

O exemplo mais antigo de pugilistas negras que localizei é uma breve menção em 1882, onde registra-se uma luta entre duas peso-pesado negras que foram notadas por treinarem regularmente. As duas mulheres, Bessie Williams e Josephine Green, eram treinadas por seus maridos e foram mencionadas como peritas na arte “varonil”. Segundo a notícia, Williams “desceu até o seu peso e bateu a balança em 290 libras” e encarou Green, que pesava 280 libras. As mulheres tinham interesse em esclarecer a questão de qual das duas era a melhor

²⁷ A falta de desejo de se engajar com os espaços múltiplos e marginalizados que as mulheres negras encarnam extrapola as histórias das mulheres no boxe. Pesquisadores, incluindo historiadores do esporte, não levaram em consideração as formas pelas quais práticas racializadas e de gênero produziram conhecimento a respeito do silêncio das experiências das mulheres negras.

²⁸ Extensas pesquisas de jornais foram realizadas usando as seguintes bases de dados: Proquest Historical Newspapers e Historical Black Newspapers, incluindo três dos principais jornais afro-americanos: *Chicago Defender* (1910-1975), *New York Amsterdam News* (1922-1993), e *Pittsburgh Courier* (1911-2002); arquivos do *New York Times* (1855-2005), *Police Gazette* archives, revista *The Ring*, Library of Congress, Canadian Newsstand, Times Digital Archives, e Newspaper Archive, a maior base de dados mundial online de jornais (comerciais). O recorte temporal 1855-2005 orientou a pesquisa nos arquivos.

boxeadora. A vencedora levaria o prêmio de US\$ 20 para cada e o título de campeã das mulheres de cor. A luta, realizada frente a um grande público, foi, segundo a notícia, “uma luta cruel, brutal e sangrenta” com Williams vencendo após encaixar um soco de direita que nocauteou Green.²⁹

A despeito da referência ao treinamento regular destas duas mulheres, nenhuma outra menção aos seus feitos nos ringues pode ser localizada. A partir deste limitado relato não podemos estabelecer a localização da luta, com que frequência Williams e Green treinavam e lutavam, quem eram suas oponentes, quem testemunhava tais eventos de boxe, ou se houve quaisquer consequências por se engajarem numa batalha considerada tão sangrenta. Este relato oferece, contudo, um desmentido das histórias tradicionais que ignoram as pugilistas negras e sugere a necessidade de mais representações especulativas do passado das mulheres no boxe. Ao nos engajarmos numa história parcial e tentativa, que ainda mal se lançou, podemos começar a ver uma saída para a problemática poder/conhecimento das histórias do boxe exclusivamente sobre homens ou limitadas às boxeadoras brancas.

Com esta lógica em mente, volto-me à análise da Harry Hill’s, uma das tavernas mais populares de Nova York. Por volta do final do século XIX, a Harry Hill’s era um destino popular entre homens de todas as classes, particularmente esportistas e apostadores. O salão de shows e a pista de dança frequentemente sediavam lutas de boxe a punho livre e com luvas, apresentando pugilistas homens brancos e negros. O *New York Times* noticiou que em 1876 duas mulheres, ambas brancas, Nelly Saunders e Rose Harland, se enfrentaram no ringue.³⁰ Na altura do ano de 1881, a *Police Gazette* anunciava regularmente lutas de boxe feminino na Harry Hill’s. Contudo, não existem relatos publicados de mulheres negras no mesmo ringue. Em *Gangs of New York*, Ashbury (2001) declara que a taverna “era largamente frequentada por pretos, mas todas as mulheres eram brancas” (p. 168). Não obstante, em 1885 o *Brooklyn Daily Eagle* relata um caso judicial entre um irmão e uma irmã. O irmão explica ao tribunal que sua irmã, Mary Carl, “é uma pugilista de cor” que, alega ele, tornou-se violenta dentro de casa. O juiz pede a Mary Carl para confirmar sua ocupação, e ela afirma que é mesmo uma pugilista. O caso é recusado pelo tribunal, e o jornal chama Mary Carl de “uma das estrelas escuras do Sr. Harry Hill’s” (grifo meu).³¹ Não há outra menção de Mary Carl ou outra mulher negra envolvida em qualquer tipo de trabalho no ringue da Harry Hill’s. Mesmo assim, a partir desta única entrada, pareceria que mulheres afro-americanas de fato desempenharam um papel nos primórdios da cena do boxe nova-iorquino.

²⁹ A Colored She Mill. *Salt Lake Daily Herald*, 28 December 1882. p. 7.

³⁰ A Female Boxing Match: A Novel and Nonsensical Exhibition at Harry Hills. *New York Times*, 17 March 1876, p. 8.

³¹ One of Harry Hill’s Dark Stars: She Bombards Her Brother, But Loses a Guitar. *Brooklyn Daily Eagle*, 6 May 1885, p. 2.

Em 1890, Lizzie Somers, de Nova York, foi desafiada por Nellie Malloy a encontrá-la na redação do *Police Gazette* para fazer as tratativas para as duas se enfrentarem numa luta profissional. Ambas as mulheres eram brancas e reivindicavam ser a pugilista campeã feminina até 114 libras. Lizzie Somers, com 20 anos, é descrita como uma “loira muito graciosa” que é “hábil com as mãos” e que consegue tanto aguentar ser castigada quanto castigar.³² Malloy oferece a Somers uma luta até o final por entre US\$ 200 e US\$ 500 para cada uma.³³ Durante a preparação para a disputa, o treinador de Somers alega colocá-la para caminhar 12 milhas pela manhã e, novamente, pela tarde. Ele também declara que, todas as noites, Somers “se dedica a uma luta de quatro assaltos com uma preta vinte libras mais pesada, e todas as vezes dá uma coça na garota preta”.³⁴ Esta breve menção de uma jovem mulher negra sem nome que serve como *sparring* para Somers e que, presumivelmente, apanha mais do que bate, é um aspecto ignorado e problemático da história do boxe. As histórias dos primórdios do boxe profissional masculino tipicamente narram a saga heroica de homens como Thomas Molineaux, o escravo americano que “conquista” sua liberdade no ringue ou lutas coletivas onde homens jovens, como Jack Johnson, com frequência combatiam sem luvas e com olhos vendados, para o prazer e diversão dos brancos. Esta entrada jornalística solitária da “garota preta”, que todas as vezes apanha da branca Somers, revela uma história racializada amplamente desconhecida do boxe feminino, e que é tanto violenta quanto penosa.

Em 1893, há outra referência fugaz a uma mulher negra conhecida localmente de Richmond (Virgínia). A reduzida cobertura é a seguinte: “Alice Priddy (de cor), uma pugilista de considerável notoriedade, nocauteou Annie Watson no terceiro assalto. A bilheteria não cobriu a multa de US\$ 2,50, portanto ela também ficará aos cuidados do calabouço”.³⁵ Presumivelmente Alice Priddy passa algum tempo na cadeia, como outros boxeadores homens da época, por sua carreira pugilística ilegal. A igreja também parece ter desempenhado um papel, atuando como guardião da moralidade pública em relação às mulheres negras que se engajavam na arte dos punhos. Em 1897, o jornal negro *Richmond Planet* noticiou, numa seção dedicada a moralidade e notícias da igreja, que mulheres pugilistas estavam lançando desafios umas às outras e entrando em combates.³⁶ Outro artigo do mesmo jornal alega que, enquanto lutava no ringue, uma pugilista negra mantinha seu “bebê suspenso num cesto dependurado do teto”.³⁷

Há mais reportagens sobre duas mulheres afro-americanas, Emma Maitland e Aurelia Wheeldin, do que sobre quaisquer outras

³² Nellie Alloy Failed to Come to Time. *New York Sun*, 23 April 1890, p. 4.

³³ Female Fighters. *San Francisco Morning Call*, 1 May 1890, p. 2.

³⁴ New York's Female Pugilist. *Salt Lake Tribune*, 25 April 1890, p. 3.

³⁵ Justice John's Court. *Richmond Times*, 5 February 1893, p. 5.

³⁶ Mango Uno. Mango's Message. *Richmond Planet*, 16 October 1897, p. 1.

³⁷ Mango Uno. Mango's Message: Sunday in Our Churches. Another Female Pugilist. *Richmond Planet*, 2 October 1897, p. 1.

pugilistas negras; ainda assim, estas duas foram completamente ignoradas nas histórias do boxe contemporâneas. De forma a nos movermos na direção de uma maior abertura e de reconhecer que insustentáveis histórias excluíram as mulheres de cor, o restante da seção é dedicado a Maitland e Wheeldin. O que se segue nada mais é que um enquadramento narrativo que busca tornar explícito como o poder permeia a construção e legitimação de conhecimentos históricos e que, simultaneamente, demonstra as maneiras inescapáveis pelas quais o investimento de minha posição molda esta narrativa construída, enquanto busco maneiras de trazer “outras” históricas para o primeiro plano, de forma a desafiar e redesenhar o que conhecemos da história do boxe.

Enquanto mulheres brancas cada vez mais gostavam de sentar à beira do ringue durante a era *flapper*,³⁸ Maitland e Wheeldin haviam começado a aprender o ofício dos punhos na Europa. Em 1924, Maitland e Wheeldin entraram para a companhia de dança de Billy Pierce, sediada em Nova York. As duas fizeram parte do primeiro grupo de dançarinas afro-americanas a aparecer no Moulin Rouge, em Paris, onde tinham um contrato de seis meses para encenar a revista “Tea for Two”.³⁹ O show foi um sucesso, tendo “deixado os parisienses atordoados”, de acordo com um jornal.⁴⁰

Enquanto estavam em Paris, Maitland (130 libras) e Wheeldin (116 libras) começaram a treinar com o boxeador profissional Jack Taylor.⁴¹ Taylor, apelidado Tornado de Nebraska, era um peso-pesado que, ao longo de uma carreira profissional de 16 anos, enfrentou Sam Langford, Battling Siki, Max Schmeling e Primo Carnera, entre outros. Taylor era um dos muitos boxeadores afro-americanos que fizeram a jornada até a capital francesa, atraídos pelo mito popular da tolerância racial na França e a celebração, no país, de lutadores profissionais negros (RUNSTEDLER, 2009).⁴² Quando a dupla aprendeu a boxear, levou suas habilidades no ringue para o palco.

Após o fim da produção no Moulin Rouge, Wheeldin e Maitland permaneceram em Paris e encenaram uma produção própria, intitulada “Tea for Two Girls”, que incluía três assaltos de boxe.⁴³ As performances foram bem recebidas, e as duas agendaram turnês na França, Bélgica,

³⁸ De acordo com o dicionário MacMillan, “uma jovem mulher nos anos 1920 que tinha cabelo curto, usava vestidos curtos e se divertia muito em festas” (nota do editor).

³⁹ Sister Team Is in Milan. *Baltimore Afro-American*, 8 August 1925, p. 4.

⁴⁰ Hit of Paree. *Chicago Defender*, 7 February 1925, p. 6. Também é digno de nota que, enquanto estavam no Moulin Rouge, quatro atrizes americanas brancas que estavam programadas para se apresentar na mesma noite “causaram uma discussão ao se recusarem a subir ao palco ou usar o mesmo camarim” das dançarinas do Tea for Two. As quatro artistas brancas foram demitidas e, diz-se, deportadas de volta para a América poucos dias após o incidente.

⁴¹ Pete Richardson. Cloaking the Bronx. *New York Amsterdam News*, 15 February 1947, p. 24.

⁴² Além disso, o papel que Paris desempenhou na história do boxe feminino ainda não foi explorado em detalhes até este momento.

⁴³ Hit of Paree. *Chicago Defender*, 7 February 1925, p. 6.

Itália, Holanda, Suíça e Áustria.⁴⁴ As duas se apresentaram em datas além-mar por quase dois anos, sem agente, empresário ou promotor.⁴⁵ Pouco foi registrado de suas experiências enquanto trabalhavam e viajavam pela Europa além de reportagens afirmando que ambas estavam “perfeitamente satisfeitas e felizes”.⁴⁶ Em Milão, as duas apareceram num teatro de revista só de brancas, e um jornal notou que elas eram as únicas mulheres negras na cidade.⁴⁷

Após retornarem aos Estados Unidos em 1926, Wheeldin e Maitland continuaram como boxeadoras e artistas de teatro. Ao resenhar o espetáculo delas, um jornalista declarou que

as garotas fazem uma luta de verdade durante seu ato, e sacodem de jeito uma à outra, às vezes tirando sangue [...] Elas lutam apenas seis minutos, duas vezes por noite, mas, de acordo com a senhorita Maitland, aqueles seis minutos às vezes parecem duas horas.⁴⁸

Similarmente, após uma exibição de boxe em 1927, um repórter notou que Maitland tinha “um olho roxo e uma orelha de couve-flor que ganhou da senhorita Wheeldin. ‘A arte de nosso espetáculo é não sermos atingidas’, disse a senhorita Maitland, ‘mas estávamos atuando sobre um piso ruim’.”⁴⁹



“Tea for Two Girls”: Aurelia Wheeldin e Emma Maitland.
Cortesia de Cathy Van Ingen.

⁴⁴ Calvin’s Weekly Diary of the New York Show World. *Pittsburgh Courier*, 28 August 1926, p. 9; Maitland and Wheeldin Send Greetings to Courier; Call it Great Newspaper. *Pittsburgh Courier*, 1 January 1927, sec. A, p. 3.

⁴⁵ Entrevista telefônica de Joan Watson-Jones à autora, 7 nov. 2010, transcrição, p. 3, original sob posse da autora.

⁴⁶ Sister Team Is in Milan. *Baltimore Afro-American*, 8 August 1925, p. 4.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Calvin’s Weekly Diary of the New York Show World. *Pittsburgh Courier*, 11 December 1926, p. 10.

⁴⁹ Calvin’s Weekly Diary of the New York Show World. *Pittsburgh Courier*, 8 January 1927, sec A, p. 3.

Também parece que Maitland lutava competitivamente fora do teatro. Em 1928, o jornal negro *Pittsburgh Courier* noticiou, num artigo intitulado “Maneja uma esquerda perniciososa”, que Maitland estava a caminho de Cuba para lutar e que ela havia recém-retornado de um “cerco aos ringues repleto de sucesso no México. A poderosa mão esquerda da senhorita Maitland ajudou-a a ganhar lutas.”⁵⁰ Essa entrada sugere que mulheres cubanas e mexicanas também estavam competindo no boxe, o que abre novas possibilidades de leituras do passado. Também é digno de nota que no final dos anos 1920 a dupla tenha começado a usar o título de campeãs mundiais – Maitland na divisão leve júnior e Wheeldin como a campeã mundial do peso galo.⁵¹

Em 1929, Maitland e Wheeldin retornaram a Nova York e ao teatro musical. A dupla se apresentou com um elenco inteiramente negro na revista “Messin’ Around” (PETERSON, 1993, p. 233). Durante esta produção, elas foram promovidas como as duas únicas boxeadoras licenciadas na América.⁵² Naquilo que foi considerado a maior atração da revista, Maitland e Wheeldin encenavam uma luta de boxe. Críticos brancos consideraram o boxe original dentro do que descreveram como uma produção sem brilho (PETERSON, 1993, p. 233).

Aurelia Wheeldin aposentou-se do boxe e do teatro em 1940, quando se casou.⁵³ Emma Maitland prosseguiu no teatro onde, em 1940, interpretou o papel de uma criada negra numa produção teatral branca. Um jornal noticiou que nas noites de folga da peça ela se apresentava como uma “senhora lutadora”.⁵⁴ Em 1943, o *Atlanta Daily World* afirmou que a pugilista Emma Maitland doara sua coleção de fotografias, recortes de jornal e testemunhos à Coleção Schomburg da Biblioteca Pública de Nova York, notando que boxeadoras mulheres já eram uma raridade, mas que “uma pugilista preta é quase única”.⁵⁵ Infelizmente, a Biblioteca Pública de Nova York, e a Coleção Schomburg em particular, não têm qualquer registro do recebimento da coleção de materiais de boxe de Maitland.

Conclusão

Os historiadores desconstrucionistas argumentam que existe um componente ideológico irreduzível em todo relato histórico do passado. O objetivo, então, é expor os processos e métodos envolvidos no escrever sobre o passado – deste modo, permitindo a todos os cálculos do passado, incluindo significados dominantes ou preferenciais, ser criticados como significados inventados ou impostos. Como Munslow

⁵⁰ Wiolds Wicked Left. *Pittsburgh Courier*, 20 October 1928, sec. A, p. 4.

⁵¹ Pleases Fans. *Pittsburgh Courier*, 4 May 1929, sec. A, p. 4.

⁵² Entrevista com Watson-Jones.

⁵³ Entrevista com Watson-Jones.

⁵⁴ Hayden Hickok. New Comedy Has Try-out at Skaneateles. *Syracuse Herald-Journal*, 27 August 1940, p. 16.

⁵⁵ Female Pugilist Gives Records. *Atlanta Daily World*, 8 December 1943, p. 5.

aponta, o desafio de se engajar no trabalho histórico desconstrucionista está em ser coerente e sensível, mas não epistemologicamente seguro de si, ao mesmo tempo em que se é autorreflexivo o suficiente para reconhecer o próprio papel na criação de significado histórico. Este artigo, portanto, realizou dois movimentos distintos. Ele se engajou na função de criação de sentidos da história para pensar criticamente e contextualmente sobre representações racializadas e de gênero de pugilistas mulheres e baseou-se em algumas abordagens desconstrucionistas para problematizar a noção como um todo de conhecimento histórico. A implicação é que todas as histórias do boxe permanecem construídas por historiadores/escritores que representam em vez de refletir o passado esportivo. A história desconstrucionista solapa a autoridade e objetividade das fontes e explicações históricas, pois os historiadores se engajam em seus próprios cálculos interpretativos, os quais, inevitavelmente, contam versões particulares de um passado.

Como Jennifer Hargreaves (1997) aponta, lutas de boxe a dinheiro entre mulheres existem desde ao menos os séculos XVIII e XIX. Contudo, a escrita da história do boxe tem ignorado ou negligenciado as mulheres negras que participaram na cultura da machucadura. A falta de investigação histórica crítica e nuançada sobre a história do boxe feminino não é culpa apenas da pobreza de fontes históricas. Mais do que isso, os historiadores têm dedicado insuficiente atenção a como gênero, racismo e privilégios dos brancos têm obscurecido a realização de cálculos diversos de história dentro do boxe feminino. A reflexão sobre as maneiras pelas quais a história tem sido representada está no cerne da história desconstrucionista.⁵⁶ Como tal, não há maneira de separar as relações de poder da geração e legitimação do conhecimento. Isto não significa argumentar contra a investigação histórica, mas argumentar a favor de uma visão da história como uma investigação cheia de valores ligados a discurso, autoridade e poder. Em outras palavras, as abordagens desconstrucionistas argumentam que a história constrói e molda representações particulares do passado, e não simplesmente as descobre.

A história do boxe, como qualquer história escrita, “é sempre mais do que meramente contar histórias, precisamente por que é o veículo principal para a distribuição e uso do poder” (MUNSLOW, 2006, p. 15). Com isto em mente, o passado deve ser analisado por suas possibilidades de significado, e não por uma representação direta de uma realidade passada. A história desconstrucionista é uma abordagem que pode abrir a história do boxe feminino para o presente, e solapar as suposições e a unicidade narrativa que têm enquadrado o esporte – isto é, se as histórias do boxe podem se tornar mais abertas a respeito de seus encerramentos.

⁵⁶ Para mais sobre as maneiras pelas quais historiadores do esporte poderiam ganhar ao refletirem explicitamente sobre como eles representam a história, ver Booth (2004, 2005, 2009).

Referências

ANDREWS, David. Kinesiology's Inconvenient Truth and the Physical Cultural Studies Imperative. *Quest*, 60, p. 42-63, 2008.

ASHBURY, Herbert. *The Gangs of New York: An Informal History of the Underworld*. New York: Random House, 2001.

AYCOCK, Colleen; SCOTT, Mark (eds.). *The First Black Boxing Champions: Essays on Fighters of the 1800s to the 1920s*. Jefferson, N.C.: McFarland Publishers, 2011.

BETTS, John R. *America's Sporting Heritage, 1850-1950*. Don Mills, Ont.: Addison-Wesley Publishing, 1974.

BOOTH, Douglas. Escaping the Past? The Cultural Turn and Language in Sport History. *Rethinking History*, v. 8, p. 103-125, 2004.

BOOTH, Douglas. Evidence Revisited: Interpreting Historical Materials in Sport History. *Rethinking History*, v. 9, p. 459-483, 2005.

BOOTH, Douglas. Sites of Truth or Metaphors of Power? Refiguring the Archive. *Sport in History*, v. 26, p. 91-109, 2006.

BOOTH, Douglas. Sport History and the Seeds of a Postmodern Discourse. *Rethinking History*, v. 13, p. 153-174, 2009.

BROWN, Doug. Discourse and Discontinuity: Interpreting the Cultural History of Sport. In: WAMSLEY, Kevin (ed.). *Method and Methodology in Sport and Cultural History*. Dubuque, Iowa: Brown & Benchmark, 1995. p. 37-48.

CAHN, Susan. *Coming on Strong: Gender and Sexuality in Twentieth-Century Women's Sport*. New York: Free Press, 1994.

DOUGLAS, Deila. To Be Young, Gifted, Black and Female: A Mediation on the Cultural Politics at Play in Representations of Venus and Serena Williams. *Sociology of Sport Online*, v. 5, 2002. Disponível em: <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v5i2/v5i2_3.html>. Acesso em: 20 November 2010.

GEMS, Gerald. Book review on Pierce Egan, *Boxiana*. *Journal of Sport History*, v. 15, p. 565, 1998.

GORN, Elliot. The Manassa Mauler and the Fighting Marine: An Interpretation of the Dempsey-Tunney Fights. *Journal of American Studies*, v. 19, p. 27-47, 1985.

GORN, Elliot. *The Manly Art: Bare-Knuckle Prize Fighting in America*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1986.

GUTTMANN, Allen. *Women's Sport History*. New York: Columbia University Press, 1991.

HARGREAVES, Jennifer. Women's Boxing and Related Activities. *Body & Society*, v. 3, p. 33-49, 1997.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.

JENKINS, Keith. *On 'What is History?'*. London: Routledge, 1995.

JENKINS, Keith. *Rethinking History*. 2nd ed. Florence, Kent.: Routledge, 2003.

JOHNES, Martin; TAYLOR, Matthew. Boxing in History. *Sport in History*, v. 31, p. 357-362, 2011.

LATHER, Patti. Fertile Obsession: Validity after Poststructuralism. *Sociological Quarterly*, v. 34, p. 673-693, 1993.

MEE, Bob. *Bare Fists: The History of Bare Knuckle Prize Fighting*. Woodstock, N.Y.: Overlook Press, 2001.

MUNSLOW, Alan. *Deconstructing History*. Florence, Kent.: Routledge, 2006.

MITRA, Payoshni. Challenging Stereotypes: The Case of Muslim Female Boxers in Bengal. *International Journal of the History of Sport*, v. 26, p. 1840-1851, 2009.

OATES, Joyce Carol. *On Boxing*. New York: Ecco, 2006.

PETERSON, Bernard. *A Century of Musicals in Black and White*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1993.

PHILLIPS, Murray (ed.). *Deconstructing Sport History: A Postmodern Analysis*. Albany: State University of New York, 2006a.

PHILLIPS, Murray. Deconstructing Sport History: The Postmodern Challenge. *Journal of Sport History*, v. 28, p. 327-343, 2001.

PHILLIPS, Murray G. Introduction: Sport History and Postmodernism. In: PHILLIPS, Murray G. (ed.). *Deconstructing Sport History: A*

Postmodern Analysis. Albany: State University of New York Press, 2006b. p. 1-24.

PLIMPTON, George. *Shadow Box: An Amateur in the Ring*. Guilford, Conn.: Lyons Press, 1977.

POPE, S.W. Decentering 'Race' and (Re)presenting 'Black' Performance in Sport History. In: PHILLIPS, Murray G. (ed.). *Deconstructing Sport History: A Postmodern Analysis*. Albany: State University of New York, 2006. p. 147-177.

RIESS, Steven. A Fighting Chance: The Jewish-American Boxing Experience, 1890-1940. *American-Jewish History*, v. 74, p. 223-254, 1985.

ROSS, MacIntosh. Documenting the Female Boxing Experience: Using the Films *Toy Tiger*, *J.C.*, and *Tyson* to Unveil Women's Relationship with Boxing. *Sport History Review*, v. 42, p. 56-69, 2011.

RUNSTEDLER, Teresa. Visible Men: African American Boxers, the New Negro, and the Global Color Line. *Radical History Review*, v. 103, p. 59-81, 2009.

SAMMONS, Jeffrey. *Beyond the Ring: The Role of Boxing in American Society*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.

SMITH, Kevin. *Black Genesis: The History of the Black Prizefighter, 1760-1870*. New York: iUniverse, 2003.

STREIBLE, Dan. *Fight Pictures: A History of Boxing and Early Cinema*. Berkeley: University of California Press, 2008.

SUGAR, Burt. *Burt Sugar On Boxing: The Best of the Sport's Most Notable Writer*. Guilford, Conn.: Lyons Press, 2003.

TODD, Jan. The Strong Lady in America: Professional Athletes and the Police Gazette. Paper presented at the annual meeting for the North American Society for Sport History, Banff, Alberta, 26-29 May 1990. Disponível em: <http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/NASSH_Proceedings/NP1990/NP1990zzzs.pdf>. Acesso em 21 mar. 2013.

VERTINSKY, Patricia. Time Gentlemen Please: The Space and Place of Gender. In: PHILLIPS, Murray G. (ed.). *Deconstructing Sport History: A Postmodern Analysis*. Albany: State University of New York, 2006. p. 227-243.

VERTINSKY, Patricia; CAPTAIN, Gwendolyn. More Myth Than History: American Culture and Representations of the Black Female's Athletic Ability. *Journal of Sport History*, v. 25, p. 532-561, 1998.

WELSHMAN, John. Boxing and the Historians. *International Journal of the History of Sport*, v. 14, p. 195-203, 1997.

WIGGINS, David K. Peter Jackson and the Elusive Heavyweight Championship: A Black Athlete's Struggle Against the Late Nineteenth Century Color-Line. *Journal of Sport History*, v. 12, p. 143-168, 1985.

WOODWARD, Kath. The Culture of Boxing: Sensation and Affect. *Sport in History*, v. 31, p. 487-503, 2011.

Recebido em 27 de julho de 2016

Aceito em 07 de outubro de 2016